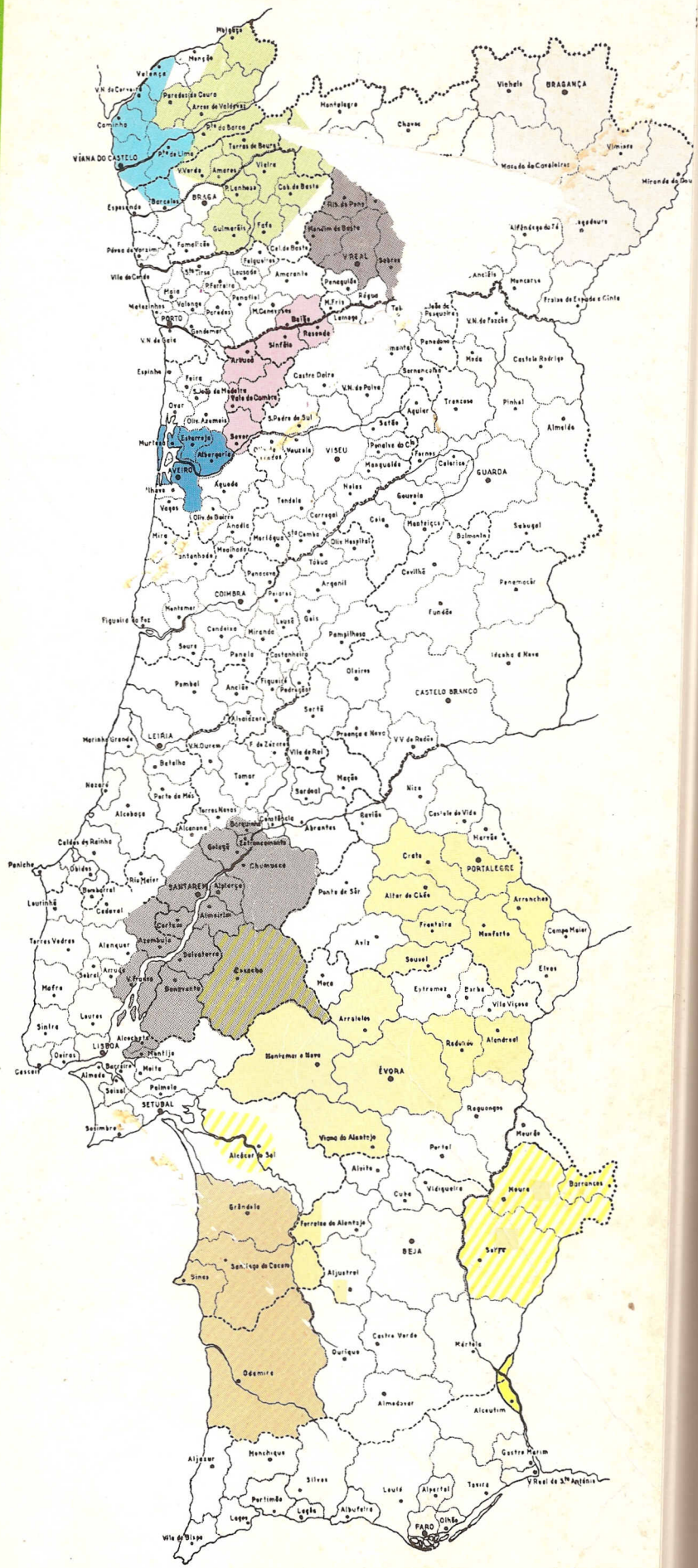
BOVINOS EM PORTUGAL



DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS VETERINÁRIOS

COORDENAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO
ANTONINO BATISTA RODRIGUES



barrosã

MANUEL GARCIA
JOSÉ DO ROSÁRIO
MARQUES ANTUNES

RAÇA BOVINA BARROSÃ

INQUÉRITO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

Muito embora a área de criação desta raça se estenda pelos concelhos do extremo Noroeste do distrito de Vila Real aos submontanhosos dos de Braga e Viana do Castelo, não resta dúvida que o seu solar de origem se localiza precisamente na "Terra de Barroso", de cuja topo vinda muito justamente retirou o nome.

E dizemos "sem dúvida", porquanto, sendo o solar de criação a região onde, normalmente, os exemplares da raça exibem os seus mais característicos atributos étnicos, é, de facto, na Terra de Barroso onde ainda hoje se encontram os melhores representantes da raça bovina Barrosã.

O "Barroso" ou "Terra de Barroso", território conhecido desde os primórdios da nacionalidade, compreende, aproximadamente, os actuais concelhos de Montalegre e de Boticas, as freguesias de Campos e Ruivães do Concelho de Vieira do Minho e a de Gondiães do de Cabeceiras de Basto. Algumas povoações a norte de Montalegre estendiam-se até Espanha, a que ficaram pertencendo por tratado de limites fronteiriços.

Consiste numa região montanhosa orograficamente bem deliminada, onde se distingue, por maior fertilidade, o planalto barrosão, cujo centro é Montalegre. São terras de 800 a 1 000 metros de altitude, acima das quais afloram acidentes orográficos, incultos e desabitados, que não ultrapassam os 1 300 metros: serras do Larouco, das Alturas - também chamadas do Barroso -, e as da Cabreira e do Gerês, que constituem limites a sul e a poente, prolongando-se esta última até à fronteira pela elevação que localmente se designa por serra da Mourela.

A constituição geológica do solo da "Terra de Barroso" é granítica, de baixo pH, com exclusão de duas extensas manchas de rochas metamórficas, uma das quais se estendem de Boticas a Montalegre e outra que, seguindo o vale do Tâmega, se prolonga de Ribeira de Pena às freguesias do Sul dos concelhos de Boticas e Montalegre.

Não podemos deixar de destacar, ao observar o maior desenvolvimento somático da raça no seu solar, a participação positiva que lhe teria dado a composição geológica dessa grande parte do planalto barrosão, de estrutura xistosa, sem os inconvenientes da pobreza de cálcio que caracteriza os terrenos graníticos do Minho por onde a raça se expandiu e a sua esta tura algo se prejudicou.

As quedas pluviométricas acusadas pelo Observatório Metereológico de Montalegre (1 006 m. de altitude) atingiram a média de 1 256 mm no quadriénio de 1971/74. A temperatura média nesse período foi de 9,0º C, com a seguinte distribuição: Outono, 10,8º; Inverno 3,2º; Primavera, 7,0º; Verão, 15,4º.

Foi neste ambiente húmido e frio que evoluiu e se moldou a raça bovina Barrosã, cujas características são filhas das condições ecológicas, do maneio tradicional e da selecção empírica dos criadores montanheses, os quais, como que sequestrados do restante território, chegaram ao limiar do nosso século dedicados à criação de gado segundo hábitos e costumes do tipo comunitário.

Neste território, a exploração bovina era altamente favorecida pela apascentação - não suspensa pela recolha dos gados nos meses frios - em incultos tão extensos que, conforme o apuramento dos baldios do concelho de Montalegre, de 1938, a sua superfície era de 42 850 ha, isto é, 53% deste concelho.

No concernente à origem da raça, sua evolução e ocupação territorial, podemos estabelecer três estádios: passado remoto, passado próximo e presente. Através deles, tentaremos perspectivar o futuro.

1.1. Passado remoto

O passado muito remoto envolve a própria origem da raça. Não iremos repetir o que

um de nós já referiu acerca da origem e evolução do bovino Barrosão (a). Apontemos, apenas, que não há referência conhecida quanto à sua origem, nem aos seus primórdios.

Trata-se de uma raça pura, e não só pura, como, absolutamente, original no continente europeu quanto a alguns dos atributos étnicos.

A sua origem, segundo o Prof.Miranda do Vale, foi incluída no Tronco Mauritâno, cujo ancestral paleontológico, de tipo côncavo e brevilíneo, descoberto por Thomás no Norte de África, foi denominado "Bos Primigenius Mauritanicus", com a seguinte descrição:

"A nuca era côncava ou pouco saliente; os olhos muito salientes; os cornos compridos e possantes eram situados no cimo da cabeça, dirigiam-se primeiro para cima e para o lado, depois recurvavam-se para diante, virando as pontas para dentro e para baixo".

De facto, a raça Barrosã caracteriza-se pelo seu perfil côncavo, pela saliência das suas arcadas orbitárias e pelos seus cornos compridos e possantes, saindo para cima e um pouco para fora.

Ao levantar o véu sobre a origem da raça, o Prof.Miranda do Vale deu ao seu ancestral Mauritano a denominação de "Bos Taurus Atlanticus", certamente por ter um descendente puro na orla atlântica.

É perfeitamente admissível que o bovino Mauritano tivesse existido entre nós dada a larga e demorada ocupação árabe na Península Ibérica e a fácil comunicação com o Norte de África. Também é de considerar plausível que este bovino mais pequeno e menos adaptado ao trabalho pesado do que os dos troncos Ibérico e Aquitânico, tivesse sido mais tarde preterido e eliminado por estes, tendo, porém, ficado alguns núcleos nas zonas planálticas do Barroso. Estamos mesmo em crer que tenha sido o comunitarismo de origem pré-romana, com as suas vezeiras e o seu empirismo de selecção e a boa índole e aptidão cevatriz destes bovinos, que contribuiu para a sua criação, modelação e fixação, seguidas da larga expansão com que chegaram a meados do século passado, abrangendo, pelo menos, toda a zona central do distrito de Braga e os seus contrafortes serranos de noroeste.

1.2. Passado recente

Através de referências quanto à larga exportação, pela barra do Douro, de bois de talho para Inglaterra na segunda metade do século passado, sabemos que esses bovinos procediam, principalmente, da região de Entre Douro e Minho e que dois terços eram constituídos por bois barrosãos, muitos deles nascidos no solar da raça.

É evidente que já então se cevavam bois e se lhes apreciava a carne, mas foi o comércio com a Inglaterra que incentivou a recria e a ceva desta raça e elevou a estatura dos animais, que, em notável percentagem, atingiam 40 arrobas (peso morto).

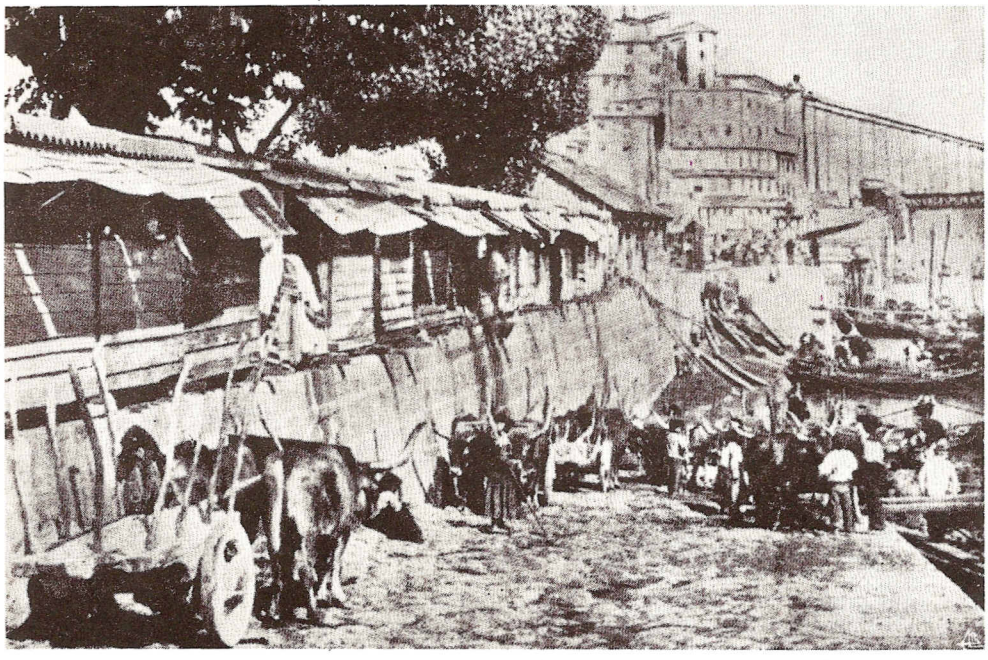
Temos conhecimento de que, após a grande crise de exportação, continuaram saindo para Inglaterra, até 1920, alguns bovinos barrosãos cevados.

Igualmente se torna evidente a aura que teve a carne bovina Barrosã. Ainda, hoje, alguns restaurantes londrinos usam como propaganda o reclame "Portuguese Beef".Deduz-se pois que os bovinos de origem mauritana, mercê do desvelo de maneio, a que ainda assistimos correntemente, da selecção no sentido da maior corpulência e das "chegas" dos touros, em que intervinha a emulação entre os povos das freguesias do Barroso, se foram apurando na raça que hoje conhecemos e cuja zona de criação se foi dispersando pelas áreas submontanhosas de todo o Entre Douro e Minho. Nesta região se procedia também à recria dos novilhos, os quais, descendo para cotas inferiores do anfiteatro minhoto, eram explorados como bois de trabalho e, seguidamente, de ceva nos férteis plainos até à orla marítima, atingindo mesmo, para lá do Douro, o concelho de Vila Nova de Gaia. (Ver fotografia na página seguinte).

Estes bovinos eram também denominados "maianos", por provirem de casas de Lavoura das úberes Terras da Maia, que se estendiam do Porto ao Rio Ave.

No seu avanço para o distrito de Viana do Castelo, os bovinos barrosãos, conhecidos também por "piscos" no Minho, desalojaram os de uma outra raça - a Galega -, os quais naturalmente se cruzaram, dando origem a vários tipos, descritos como marelos e bagueses, com

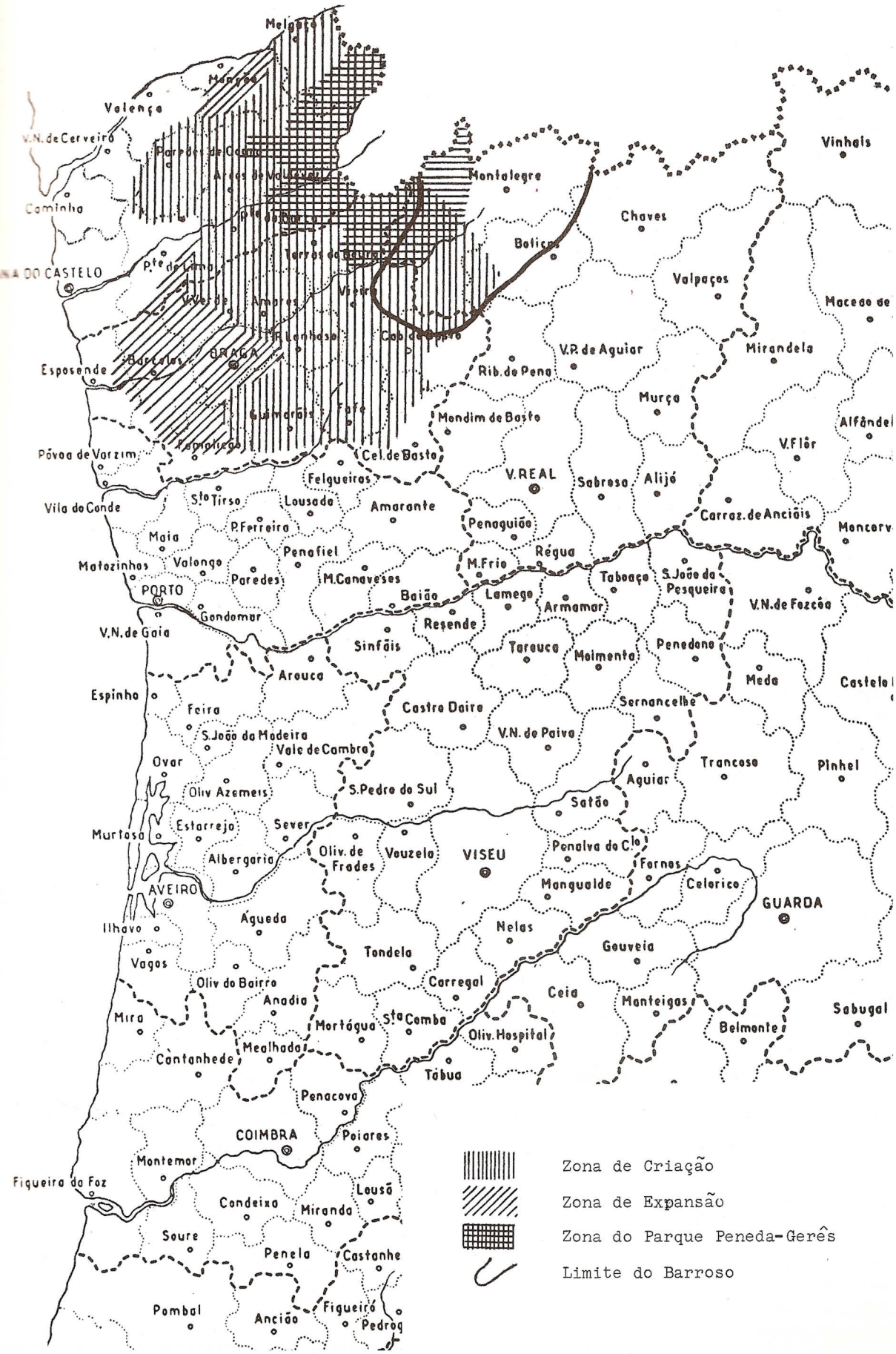
(a) A raça bovina Barrosã - boletim Pecuário nº.1 - Ano XXXII (1964)



Cais da Ribeira (Porto), vendo-se ao fundo os pilares (ainda existentes), o tabuleiro e os cabos de suspensão da Ponte Pênsil sobre o Douro, junto e a montante da qual foi construída a Ponte de D. Luís, adjudicada em 1881 e inaugurada em 1886.

Notar que, cerca de 1880, na área de intensa faina fluvial do Porto que era o Cais da Ribeira, se observavam apenas bois de trabalho da raça barrosã, evidenciados pelo seu fenotipo em que sobressai o desenvolvimento córneo.

Zincogravura do Gabinete de História da Cidade (Câmara Municipal do Porto), cedida por amável deferência do seu ex-director, Dr. J. A. Pinto Ferreira e reproduzida no seu livro "Preços de Géneros Alimentícios Comercializados nos Mercados do Porto no Sec. XIX (1844 — 1899)".


Melgaço
Monção
Valença
V.N. de Cerveira
Paredes de Coura
Arcos de Valdevez
Montalegre
Vinhais
Caminha
Ponte do Lima
Terras de Bouro
Boticas
Chaves
VIANA DO CASTELO
Ponte de Lima
Valpaços
Macedo de
Vieira
Vila Verde
Amares
Cabeceiras de Basto
Esposende
Barcelos
BRAGA
V.P. de Aguiar
Mirandela
Rib. de Pena
Murça
Mondim de Basto
Alfândega
Guimarães
Fafe
Póvoa de Varzim
Famalicão
Cel. de Basto
V. Flôr
V. REAL
Sabrosa
Alijó
Felgueiras
Vila do Conde
Sto Tirso
Lousada
Amarante
Carraz. de Anciães
Moncorvo
Penaguião
P. Ferreira
Maia
Penafiel
Régua
Matozinhos
Valongo
Paredes
M. Frio
Taboaço
S. João da Pesqueira
M. Canaveses
PORTO
Baião
Lamego
Armamar
V.N. de Foz Côa
Gondomar
Resende
V.N. de Gaia
Sinfães
Tarouca
Moimenta
Penedono
Arouca
Meda
Castelo
Espinho
Feira
Castro Daire
Sernancelhe
S. João da Madeira
V.N. de Paiva
Vale de Cambra
Ovar
Trancoso
Pinhel
Aguiar
Oliv. Azemeis
S. Pedro do Sul
Satão
Murtosa
Estarreja
Sever
Penalva do Clo
Albergaria
Oliv. de Frades
Vouzela
VISEU
Fornos
Mangualde
Celorico
AVEIRO
GUARDA
Ílhavo
Águeda
Nelas
Tondela
Gouveia
Vagos
Oliv. de Bairro
Carregal
Ceia
Manteigas
Sabugal
Anadia
Mira
Mortágua
Sta Comba
Oliv. Hospital
Belmonte
Mealhada
Cantanhede
Tábua
Penacova
COIMBRA
Poiares
Montemor
Figueira da Foz
Lousã
Condeixa
Miranda
Soure
Penela
Castanheira
Pombal
Ancião
Figueiró
Pedrog
Zona de Criação
Zona de Expansão
Zona do Parque Peneda-Gerês
Limite do Barroso

soante o seu grau de composição étnica, tipos estes que desapareceram por absorção da ra
pura.

Passada essa época áurea da exploração e expansão Barrosã, em que se desenvolve
ao máximo as suas características somáticas, designadamente no solar, a raça entrou em de
nio.

1.3. Presente

Não podemos, no processo de evolução da raça barrosã, referir-nos ao presente
considerar aquele com que ainda contactámos há algumas dezenas de anos. Não é preciso ter
sitado o Porto há mais de quarenta anos, e observado a faina ribeirinha desta cidade e de
la Nova de Gaia, para ter assistido à carretagem com juntas de bois barrosãos, jungidos a
tas cangas ornamentais, que constituíam surpresa para turistas e faziam parte da colecçã
postais folclóricos.

Ainda no meado deste século se observavam nas matanças da Páscoa reses barrosãs
mais de 600 kg de carcaça, cevadas em antigas casas de lavoura que tradicionalmente " env
vam bois para o barco", localizadas, principalmente, nos concelhos de Maia, Vila do Conde
Vila Nova de Famalicão.

Hoje, é raro encontrar uma junta de bois desta raça em qualquer ponto do distri
do Porto, onde mais abundavam. Não só a tracção mecânica eliminou a animal, como no próp
trabalho agrícola os bois barrosãos foram destronados pelos de outras raças. No Douro La
ral, foram-nos, sobretudo, por novilhos turinos.

Nas zonas minifundiárias do interior, o trabalho continua a ser efectuado por
cas de criação ou por algumas juntas de novilhos de recria.

Não há dúvida que o interesse pela exploração bovina barrosã vem decaindo acent
damente. Até mesmo quanto à produção da sua excelente carne, o incentivo da maior valori
ção que lhe era dado pela marchantaria desapareceu em 1959, ano a partir do qual esta ra
passou a alinhar com todas as outras nas tabelas de aquisição de bovinos adultos elabora
pelo Grémio dos Comerciantes de Carnes Verdes do Porto.

Damos exemplo, no fim deste número, de duas dessas tabelas, das quais a mais rec
te foi precisamente a derradeira a manter essa distinção dos bois de talho barrosãos sob
os das outras raças.

Já em 1959 se previa a contracção da área ocupada pela raça, o que de facto se fo
constatando até hoje e se pode resumir da seguinte forma:

No solar - o seu recuo para poente - facto já notado em 1860 por Bernardo Lima -
gado barrosão foi preterido por examplares mirandeses (localmente, denominados "galegos",
oposição aos barrosãos, designados por "portugueses"), cujos postos de cobrição se espal
ram pelo Barroso, atingindo Tourém, Pitões das Júnias, Covelães, Contim e Veade. Introdu-
assim, acentuada cunha no próprio solar barrosão, até à serra do Gerês, relegando-se a va
barrosã para as últimas freguesias do Sudoeste dos concelhos de Montalegre e de Boticas,
direcção à serra da Cabreira.

Os factores causais deste recuo foram os seguintes:

- Expansão da cultura da batata de semente e consequente exigência de trabalho a
  mal;
- Melhor condição dinamófora da raça Mirandesa;
- Maior estatura e precocidade do Mirandês;
- Produção, a partir do gado mirandês, de crias, puras ou cruzadas, mais corpule
  tas e precoces do que as barrosãs.

Concomitantemente com a Mirandesa, foi-se infiltrando no Barroso uma outra ra
menos corpulenta que a Barrosã - a Maronesa -, proveniente do vizinho concelho de Ribeira de
Pena, situado a sul, pelo que abunda, sobretudo, em freguesias do concelho de Boticas.

A preferência pelos bovinos desta raça (penatos), em regra representada por bois,

apenas se pode explicar por suplantarem as vacas barrosãs na função de trabalho, dado o seu temperamento nervoso, além de se lhes reconhecer maior sobriedade alimentar e boa rigeza de mãos para o serviço de tracção em caminhos alcantilados.

Na região do Entre Douro e Minho, haverá que considerar alguns particularismos quanto ao movimento da raça.

No distrito do Porto, o desaparecimento de exemplares barrosãos deve-se ao seguin tes:

- Quanto a fêmeas

À sua substituição pela vaca turina ou pela galega, esta, principalmente, nas áre as de cultivo mais socalcadas do concelho de Penafiel.

- Quanto a bois, e por ordem cronológica

À redução progressiva dos bois de ceva na zona próxima do Porto e a ocupação des- ta por vacas turinas.
À substituição das juntas de bois barrosãos por bois ou novilhos turinos, de mais rápido desenvolvimento, prática esta iniciada na área industrial leiteira do Cen tro do distrito (concelhos de Penafiel, Paredes e Lousada) e que alastrou até ao litoral.
À redução geral do número de bois de trabalho como consequência do acréscimo de me ios mecânicos de tracção agrícola.

Na área do distrito de Viana do Castelo, o gado barrosão foi totalmente substitui do por galego nos vales do Lima e do Âncora. Esta infiltração é ainda manifesta nos conce lhos de Vila Nova de Cerveira e Valença. A razão fundamental dessa substituição deve-se à produção de leite, que na raça Galega já é bastante significativa.

No distrito de Braga, o barrosão foi fortemente preterido por gado turino nos con celhos do litoral, o qual se tem infiltrado também sensívelmente na zona central do distri to. Por sua vez, o gado galego, proveniente do Vale do Lima, tem excluído também o barrosão na área Norte do concelho de Barcelos, confinante com o distrito de Viana do Castelo.

GRÉMIO CONCELHIO DOS COMERCIANTES DE CARNES DO PORTO

TABELA DE GADO ADULTO

Em vigor a partir de 22 de Agosto de 1955

BOIS:

Barrosos	POR ARROBA	POR QUILO
E.	235$50	15$70
1ª.	231$00	15$40
2º.	222$00	14$80
3ª.	204$00	13$60
Serranos, Galheiros, Galegos e Raiano (a)		
E.	231$00	15$40
1ª.	225$00	15$00
2ª.	213$00	14$20
3ª.	204$00	13$60
Turinos		
E.	225$00	15$00
1ª.	219$00	14$60
2ª.	207$00	13$80
3ª.	198$00	13$20

TABELA DE GADO ADULTO

Em vigor a partir de 7 de Setembro de 1959

BOIS:

Barrosos	POR ARROBA	POR QUILO
E.	280$50	18$70
1ª.	276$00	18$40
2ª.	271$50	18$10
3ª.	238$50	15$90

Serranos, Galheiros, Galegos, Raianos, Alentejanos, Algarvios e Turinos

E.	273$00	18$20
1ª.	268$50	17$90
2ª.	264$00	17$60
3ª.	231$00	15$40

(a) Serranhos=Arouqueses, Galheiros=Maroneses; Raianos=Mirandeses e Marinhões

1.4. Perspectivas futuras

A contracção da mancha territorial ocupada pela raça acentuar-se-á, sem dúvida, até ficar reduzida, no seu solar, quase sòmente à freguesia de Salto, do concelho de Montalegre, e às de Ruivães e Campos, do concelho de Vieira do Minho. Será esta, essencialmente, a reserva mais pura da raça Barrosã.

Na região minhota, a zona de criação limitar-se-á a partir de cotas de 600 m, nos contrafortes das serras da Cabreira, Gerês, Amarela, Soajo, Peneda e Castro Laboreiro, respectantes aos concelhos de Cabeceiras de Basto, Vieira do Minho, Terras do Bouro, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez e Melgaço. A estas serranias será de acrescentar o acidentado concelho de Fafe.

Devemos considerar que, quanto mais intensa e rapidamente se processar o desenvolvimento agro-social da região e se emparcelar o minifúndio em ordem a uma mais rendível exploração agro-pecuária, mais a vaca barrosã será reservada para as altitudes minhotas, pouco propícias à manutenção dos seus melhores atributos étnicos, por deficientes condições alimentares, pelo menos nos períodos em que a neve longamente ornamenta os cumes.

Rotas da expansão da raça

No mapa anexo, indicamos as principais rotas que admitimos ter seguido a raça.

A sua expansão deve ter-se feito quer no sentido sul, atravessando a serra da Cabreira, quer, sobretudo, no de leste, descendo as manadas, principalmente de adolescentes, pelos desfiladeiros do Vale do Cávado.

Há quarenta e cinco anos, ainda se dirigiam para a grande feira do Pico de Regalados (Vila Verde) centenas de vitelos do Barroso, na maioria machos, conduzidos a pé, com os pesunhos protegidos por toscos sapatos de couro, com que se evitava o rompimento das unhas, pouco resistentes para tão longas caminhadas, nas quais os animais perdiam peso e alguns sucumbiam. Logo após o advento do transporte automóvel, este gado passou a ser poupado a essas situações de "Stress" que o inferiorizavam.

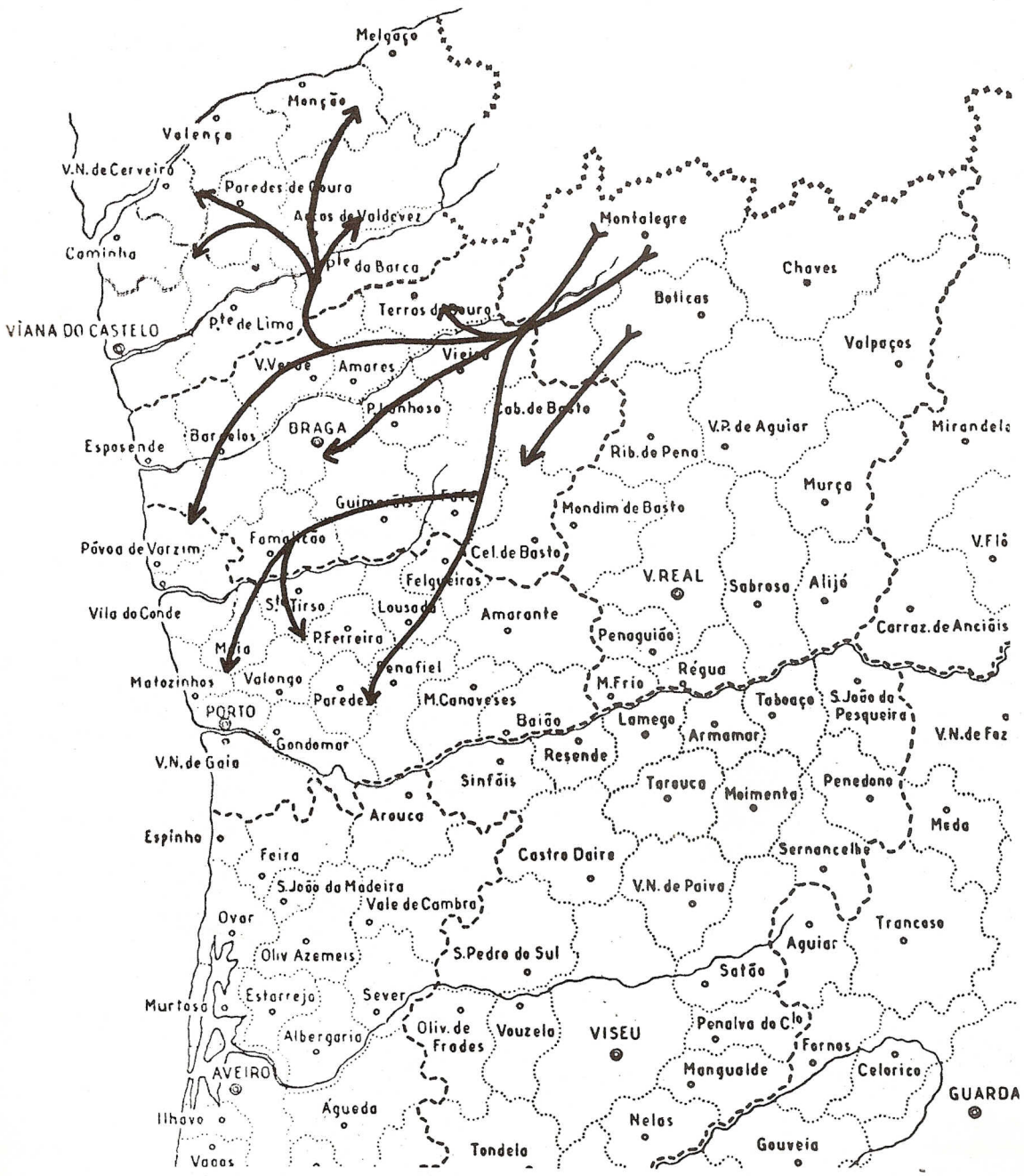
É evidente que a expansão se teria efectuado por fases de ocupação territorial, tanto mais não existindo rápidos meios de transporte.

Por exemplo, os adolescentes transaccionados no Pico de Regalados, quando não destinados ao matadouro, eram recriados na região até ao emparelhamento dos novilhos e à fecundação das novilhas, seguindo as juntas dos primeiros para feiras do litoral e as fêmeas, frequentemente, para concelhos mais ao norte, como Ponte da Barca e Arcos de Valdevez, que se

constituíram, por sua vez, focos de expansão da raça.

As rotas dirigidas ao sul da serra da Cabreira passavam por Cabeceiras de Basto, Vieira do Minho e Fafe, tendo-se este último concelho tornado grande criador da raça e expansor da mesma para a zona central do distrito do Porto. A parte litoral deste distrito abastecia-se de novilhos e de bois de trabalho nas grandes feiras (então) de gado barrosão, de Barcelos e Vila Nova de Famalicão.

Actualmente, todo o comércio de reses barrosãs está muito restringido, tendo desaparecido de algumas feiras e mudado de sentido noutras. É o caso da feira de Pico de Regalados, que, não recebendo já bovinos do Barroso, reune novilhas, vindas dos concelhos de Ponte da Barca e dos Arcos de Valdevez, que, seguindo rota inversa da tradicional, sobem até à feira de Rossas (Vieira do Minho), onde são procuradas por criadores dos concelhos ao sul da Cabreira, mais interessados em vender as suas vitelas para abate do que em recriá-las.



2. CARACTERIZAÇÃO - SÍNTESE DA RAÇA

Bernardo Lima caracterizava os representantes desta raça como tendo "corporatura meã, o rolo do corpo espesso, atirando para o arredondado".

Não se poderia definir melhor e mais sinteticamente o aspecto geral dos exemplares barrosãos.

É uma raça eumétrica, brevilínea, de perfil côncavo, com as seguintes características, já descritas no citado trabalho:

VACAS

Pelagem - Castanho-clara, tendendo para a cor de palha ou para o acerejado.

A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são mais claras.

Por vezes, surgem manchas mais escuras na zona infra ou supra-orbitária, em indivíduos mais fuscos. Geralmente, observam-se pêlos escuros no debrum das orelhas, na cutidura e na borla da cauda.

As mucosas das aberturas naturais são escuras.

Cabeça - Curta e larga, encimada por forte cornamenta em lira alta. O comprimento é duplo da largura tomada nas saliências orbitárias. A linha que une os ângulos nasais das aberturas palpebrais fica muito aproximadamente a meio do comprimento da cabeça.

Fronte - Quadrada, deprimida ao centro, donde resulta pronunciada saliência da região orbitária. Encimada por pequena marrafa de pêlos não corredios, a protuberência frontal antes se apresenta como uma depressão entre a saída das cavilhas ósseas.

Face - Curta, de larga base posterior.

Chanfro - Direito, pouco saliente e arredondado.

Focinho - Negro, largo, um pouco grosso e como que tendendo para o arrebitado, descorando-se a mucosa na orla labial e num curto filete mediano que parte do lábio. A orla é mais clara, sem atingir o branco.

Boca - Larga, de lábio superior desenvolvido, bem pendente lateralmente.

Olhos - Muito aflorados, dando o aspecto de olho de sapo.

Abertura palpebral e pestanas - Escuras.

Orelhas - De tamanho médio, orladas quase sempre de pêlos mais escuros, providas interiormente de bastantes pêlos compridos, mas não formando propriamente pendurelhos.

Chifres - Armação córnea excessiva, quer em comprimento, quer em espessura. Projectando-se à nascença quase verticalmente, os chifres desviam-se depois para os lados e, seguidamente, um pouco para a frente e para fora, por forma a apresentar nos adultos a figura de lira quando vistos de frente. Com exclusão da ponta que é escura, o resto do chifre é branco-sujo. A sua secção é, aproximadamente, circular.

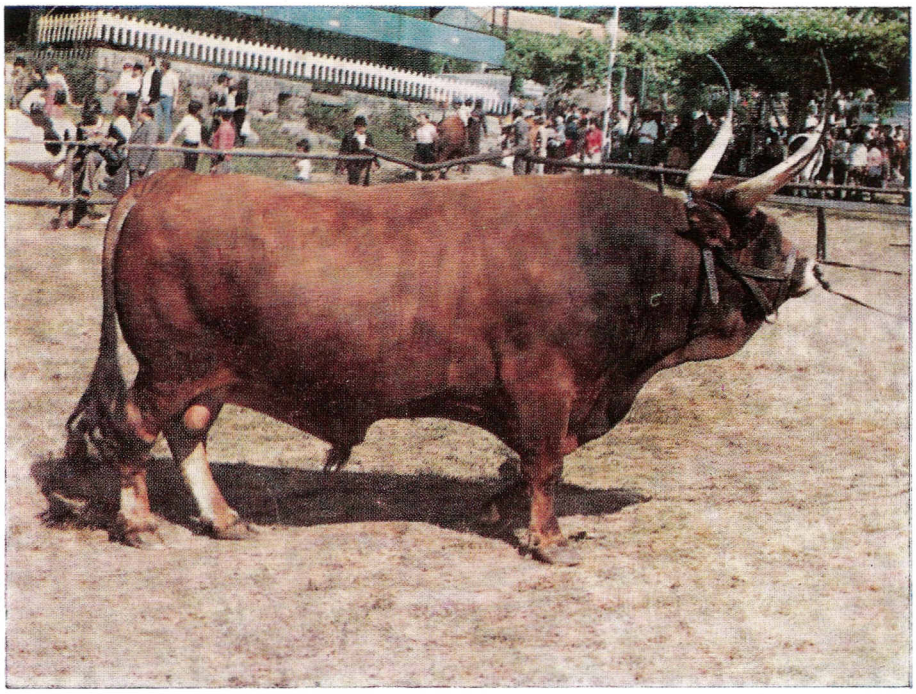
Pescoço - Pouco comprido, reforçado, sobretudo no bordo superior junto à cernelha, bem ligado à cabeça e à espádua. Barbela muito desenvolvida. Pendente sob a garganta, descota-se na origem do pescoço para depois cair largamente no peito, aproximando-se dos joelhos.

Cernelha - Muito pouco saliente, larga, fazendo transição insensível entre o pescoço e o dorso.

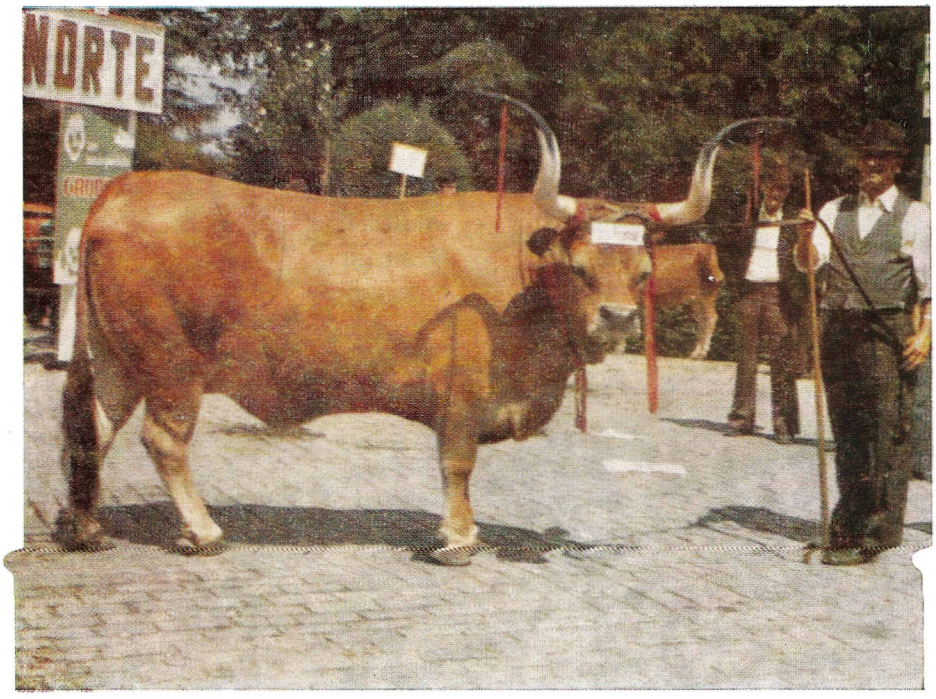
Costado - Regularmente fundo e bem arqueado.

Dorso - Medianamente comprido, largo e horizontal.

Peito - Proporcionalmente largo e descido.



BARROSÃ



Espáduas - Pouco compridas, mas largas e bem ligadas ao tronco.

Abdómen - Pouco volumoso.

Lombos - De comprimento mediano, largos, estabelecendo perfeita ligação da garupa ao tórax.

Garupa - Horizontal, larga e comprida. Em regra, é mais larga de quadris do que comprida e apresenta, também, boa largura isquiática.

Nádegas - Largas, descidas, tendendo para o convexo e separadas por regular períneo.

Cauda - De média inserção, comprida, terminando por uma regular borla de pêlos, em regra escuros.

Úbere - Pouco desenvolvido, revestido de pêlos mais claros, espessos e compridos.

Membros - De extremidades livres pouco desenvolvidas, bem aprumadas, pouco ossudas, terminando por unhas escuras, rijas, pequenas e arredondadas.

Pele - Bastante grossa, mas macia, formando rugas, principalmente no pescoço. Nos animais adultos, são também aparentes rugas na região suprapalpebral.

TOUROS

Os touros, como é natural nos tipos castanhos, são sempre mais escuros, particularmente no terço anterior.

Os seus caracteres morfológicos modificam-se no sentido de maior corpulência do que na vaca, tronco mais robusto, barbela mais desenvolvida, cabeça mais curta e mais larga, chifres mais grossos, embora, geralmente, um pouco mais curtos, mais dirigidos para a frente e para cima.

BOIS

Nos neutros, a armação toma proporções extraordinárias, sendo bastante mais comprida, grossa e divergente. O seu comprimento atinge, com frequência, 1 metro, o perímetro, 35 centímetros e a envergadura ultrapassa, muitas vezes, 1,5 metros. Os bois apresentam pelagem mais clara, sem o afuscamento por vezes existentes nas vacas e que é regra nos touros. São bastante mais corpulentos que os progenitores e o perfil neles não é tão acentuadamente côncavo.

ELEMENTOS BIOMÉTRICOS

Julgamos de interesse dar nota do que se nos afigura quanto às alterações somáticas da raça em relação aos elementos obtidos há duas dezenas de anos.

Não nos foi possível efectuar mensurações em número que permitisse retirar delas conclusões dignas de plena aceitação, mas, daquelas que efectuámos a fêmeas adultas em vários concelhos, designadamente nos de Montalegre, Fafe e Terras do Bouro, ficou-nos a convicção de que a sua inferiorização no decurso daquele período não foi muito sensível. A freguesia de Salto, do concelho de Montalegre, continua, como então, a ser a área de vacas mais corpulentas. Porém, quanto aos touros, comparando as médias de mensurações, relativamente recentes, de 10 touros de postos de cobrição de 5 ou mais anos, do distrito de Braga, com a de 7 outros, medidos há cerca de 18 anos no Porto, somos levados a concluir que a raça está ameaçada de degradação, para o que deve contribuir a carência de postos de cobrição com bons reprodutores, os quais, enquanto não se difundir a I.A., continuarão a constituir o mais forte pilar de apoio ao melhoramento da raça.

MÉDIAS DE ALGUMAS MENSURAÇÕES DE TOUROS BARROSÃOS

MENSURAÇÕES	TOUROS BARROSÃOS	
	Médias de 7 em m 1958	Médias de 10 em m 1974
Altura do garrote	1,33	1,288
Comprimento do tronco	1,67	1,509
Altura do tórax	0,76	0,692
Largura ant.da garupa	0,51	0,494
Largura isquiática	0,32	0,273
Perímetro torácido	2,05	1,928

3. SISTEMA DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

Com excepção da exploração manadia serrana, nos meses de Maio a Setembro, o gado bovino barrosão mantém-se bastante tempo estabulado em cortes primitivas, designadas vulgarmente por "eidos", com cama acumulada de mato e, em regra, desprovidas de manjedouras. Sempre que possível, a estabulação é alternada com algumas horas de pastoreio, sendo este de maior frequência nas explorações menos ocupadas por culturas arvenses. Daqui, resulta ser bastante mais apascentado no Barroso do que no Minho.

De facto, a base forrageira na região montalegrina assenta, essencialmente, na produção de feno em velhos lameiros, os quais, além de garantirem esplêndida reserva alimentar de Inverno, também contribuem, como agostadouros, para satisfação forrageira no Verão. No Minho, a alimentação é baseada, principalmente, em forragem verde, quer cortada à foicinha de Inverno, nos terrenos de lima e rega, quer servindo-se da cultura do milho - desbastes e tarideiras.

Assim, enquanto, no Inverno, os bovinos no Barroso se alimentam com feno de qualidade, no Minho socorrem-se de palha de milho e de azevém, além de alguma erva das courelas limadas.

3.1. Grau de dependência do trabalho

No Barroso, como é próprio das zonas serranas de intensa criação, não se faz a recria dos adolescentes, com excepção dos necessários à substituição dos genitores. Consequentemente, o pouco trabalho necessário era executado por vacas. Dado, porém, o incremento da exploração agrícola nesta área de pastorícia, com mais relevância após o advento da cultura da batata de semente, os criadores do Barroso passaram a utilizar juntas de bois de raças estranhas ao solar, designadamente da Mirandesa e da Maronesa, provenientes dos vizinhos concelhos de Chaves e de Ribeira de Pena, raças estas que se foram radicando pela infiltração também das fêmeas.

No Minho, nas zonas submontanhosas onde dominam as fêmeas, além da produção de cria e, em parte, da sua recria, tem real interesse a produção de trabalho executado pelas vacas, que nessa função ocupam maior número de horas do que no Barroso, podendo computar-se até cerca de 50 dias por ano. A níveis inferiores desta zona de criação, a utilização de bois no trabalho agrícola encontra-se hoje em pleno declínio.

3.2. Produção de leite

Actualmente, a vaca barrosã não é, praticamente, explorada nesta função.

3.3. Produção de carne

Já fizemos referência à importância da raça Barrosã como produtora de carne, princ

palmente de qualidade.

O facto dos talhantes preferirem estas reses, que pagam, em regra, por preço mais elevado, não se baseia no pretenso desejo de servir melhor a clientela, mas, como dizem, por "darem mais bife", pois lhes permite cortar, também, alguns de peças de 2ª. categoria.

Todavia, e muito embora a aura de que goza, a raça Barrosã não tem tido como finalidade primária a função creatopoética. Criada e recriada, fundamentalmente,no minifúndio minhoto, de intensa exploração agro-pecuária, a produção de carne barrosã era e é função subsidiária da do trabalho.

Ora, desde que o trabalho animal se reduziu no litoral, foi deixando de interessar a formação de bois, estabelecendo-se, deste modo, certo vazio na recria de novilhos, operação, aliás, nada rendosa pela deficiente precocidade da raça. Daqui, o abate quase total dos machos, quando vitelos.

No referente às fêmeas, observar-se-ia, também, o sacrificio maciço das adolescentes se tal não fosse contrariado pela necessidade da renovação dos efectivos maternos indispensáveis para o trabalho local.

- Outras produções

Outra muito importante função consiste na produção de estrume, de que se utilizam, normalmente, 30 a 40 ton. por ha.

De facto, a necessidade de produção de grandes massas de fertilizante orgânico conduziu à estabulação em "eidos", pequenos compartimentos com cama acumulada que os animais, soltos e, em regra, aos pares, vão pisando e macerando em toda a extensão.

3.4. Esquemas de acções estatais existentes

Como teremos oportunidade de referir no capítulo 7, presentemente nada resta das antigas intervenções estatais no melhoramento da raça, nem tão pouco da activa recria de novilhos destinados a postos de cobrição.

Hoje, a acção consiste na inspecção dos reprodutores dos postos particulares e oficiais e respectivo licenciamento, bem como na aplicação do método da I.A., embora, presentemente, ainda muito limitada quanto à raça Barrosã.

Cita-se, ainda, a organização de alguns concursos pecuários e, quanto a outros, a sua regulamentação e assistência técnica na classificação dos animais, além da concessão de subsídios para distribuição em prémios. Deste modo, procura-se estimular a conservação de bons exemplares masculinos e femininos, de que resulta, embora limitadamente, algum benefício no melhoramento da raça.

Alguns destes certames deixaram de se realizar à medida que a afluência aos mesmos se foi reduzindo. São exemplos de tal as suspensões dos concursos de Monção, Paredes de Coura, Barcelos e Vila do Conde. Neste último, com data intencionalmente marcada nove dias antes do Domingo de Páscoa, apresentavam-se também as melhores juntas de bois de ceva, a abater na grande matança desta quadra festiva.

3.5. Localização dos postos de reprodução natural

Os postos de cobrição registados nas Intendências de Pecuária distribuem-se pela forma indicada na relação junta.

São 218 postos, cada um, geralmente, com um só reprodutor em actividade, dos quais 55 oficiais, licenciados em nome das Juntas de Freguesia e servidos por reprodutores adquiridos e mantidos pelos povos, segundo costumes tradicionais.

Além destes, existem no Barroso vários outros não inscritos, pertencentes às comunidades das aldeias.

Apontamos, ainda, que, também no Barroso, grande número de bovinicultores, principalmente os de maiores efectivos, possuem novilhos para fecundação das suas vacas. Estes reprodutores, que lhes nascem nas propriedades, são sem dúvida dos que mais contribuem para o

abastardamento da raça, porquanto sucede, por vezes, serem eles próprios já produtos de cr zamento.

LOCALIZAÇÃO DOS POSTOS DE COBRIÇÃO

ZONAS	C O N C E L H O S	Nº. de Postos de cobrição	
		Particulares	Oficiais
BARROSO	Montalegre	3	3
	Boticas	1	-
DISTRITO DE BRAGA			
	Amares	5	
	Barcelos	4	
	Braga	4	
	Cabeceiras de Basto	7	1
	Celorico de Basto	1	
	Fafe	24	
	Guimarães	9	
	Póvoa de Lanhoso	8	
	Terras do Bouro	1	18
	Vieira do Minho	15	7
	V.N.de Famalicão	6	
	Vila Verde	6	22
DISTRITO DE VIANA DO CASTELO			
	Arcos de Valdevez	14	
	Melgaço	21	
	Monção	10	
	Paredes de Coura	9	
	Ponte da Barca	8	4
	Ponte de Lima	4	
	Valença	1	
	Vila Nova de Cerveira	2	
Resumindo, temos por zonas de criação			
BARROSO		4	3
DISTRITO DE BRAGA		90	48
DISTRITO DE VIANA DO CASTELO		69	4
		163	55
	TOTAL	218	

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

4.1. Efectivo Barrosão (machos, fêmeas e totais)

ZONAS E CONCELHOS	Estimativa de 1959			Estimativa de 1976			
	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	RAÇA BARROSÃ %
BARROSO	1 220	10 290	11 510	570	4 010	4 580	23
Boticas	250	1 450	1 700	120	870	990	21
Montalegre	980	8 840	9 810	450	3 140	3 590	24
BRAGA	29 601	67 376	96 977	18 019	49 409	67 428	58
Amares	890	2 591	3 481	735	1 995	2 730	87
Barcelos	4 620	7 550	12 170	2 393	5 983	8 376	36
Braga	2 679	6 016	8 695	1 041	2 604	3 645	41
Cabeceiras de Basto	1 274	5 270	6 544	1 106	4 150	5 256	80
Celorico de Basto	2 690	4 784	7 474	656	1 704	2 360	30
Esposende	1 030	350	1 380	799	59	858	13
Fafe	1 703	9 038	10 741	1 472	7 130	8 602	84
Guimarães	4 995	6 097	11 092	2 436	4 386	6 822	59
Póvoa de Lanhoso	1 485	4 424	5 909	972	3 470	4 442	75
Terras do Bouro	718	3 009	3 727	391	3 260	3 651	99
Vieira do Minho	1 245	5 243	6 488	1 792	4 330	6 122	98
V. N. Famalicão	3 978	5 008	8 986	2 452	3 188	5 640	52
Vila Verde	2 294	7 996	10 290	1 774	7 150	8 924	82
VIANA DO CASTELO	9 799	43 297	53 096	6 194	34 005	40 199	52
Arcos de Valdevez	874	10 135	11 009	875	8 459	9 334	63
Caminha	100	1 100	1 200	49	849	898	24
Melgaço	1 403	5 193	6 596	553	4 894	5 447	91
Monção	3 228	4 770	7 998	1 908	4 967	6 875	86
Paredes de Coura	503	6 807	7 310	262	4 582	4 844	82
Ponte da Barca	644	3 668	4 312	407	3 070	3 477	70
Ponte de Lima	950	5 300	6 250	767	4 328	5 095	36
Valença	1 600	2 150	3 750	430	1 187	1 617	50
Viana do Castelo	150	750	900	852	672	1 524	11
V. N. de Cerveira	347	3 424	3 771	91	997	1 088	33

ZONAS E CONCELHOS	Estimativa de 1959			Estimativa de 1976			
	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	Raça Barrosã %
PORTO	14 450	5 994	20 444	865	1 285	2 150	2,0
Amarante	240	-	240	-	-	-	-
Felgueiras	2 900	1 202	4 102	190	220	410	5,6
Gondomar	1 330	-	1 330	-	-	-	-
Lousada	470	302	772	-	125	125	2,0
Maia	610	65	675	-	-	-	-
Matosinhos	80	60	140	-	-	-	-
Paços de Ferreira	980	282	1 262	-	80	80	-
Paredes	1 125	332	1 457	110	165	275	3,6
Penafiel	820	210	1 030	90	75	165	1,7
Porto	50	-	50	-	-	-	-
Póvoa de Varzim	770	1 005	1 775	100	130	230	4,0
Santo Tirso	3 290	1 546	4 836	250	220	470	5,3
Valongo	715	29	744	-	-	-	-
Vila do Conde	1 070	961	2 031	125	270	395	3,2

E F E C T I V O G E R A L

Estimativa de 1976

DISTRITO	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	Redução em relação a 1959	
				CABEÇAS	%
BRAGA	18 019	49 409	67 428	29 549	30,5
VIANA DO CASTELO	6 194	34 005	40 199	12 897	24,3
VILA REAL	570	4 010	4 580	6 930	60,2
PORTO	865	1 285	2 150	18 294	89,5
TOTAIS	25 648	88 709	114 457	67 670	37,2
Efectivo em 1959 Machos	55 070			29 422	53,4
Efectivo em 1959 Fêmeas		126 957		38 248	30,1

No presente quadro, observa-se que o efectivo Barrosão, de 182 027 cabeças em 1959, sofreu a notável redução de 67 670 nos 17 anos que decorreram até ao presente, correspondendo a 37,2%.

Convém frisar, porém, que, sendo a dispensa do trabalho pesado bovino o maior dos factores de decréscimo do efectivo, foram os machos que acusaram mais pesada redução, a qual atingiu 53,4%, enquanto que a das fêmeas se limitou a 30,1%.

4.2. Machos e fêmeas, por grupos etários.

Continua na maioria dos concelhos a marcha decrescente do efectivo.

Deste modo, não é possível obter elementos que exprimam com suficiente realismo a distribuição etária da raça, nem tão pouco através do Arrolamento de 1972.

No entanto, concelhos há onde a exploração se encontra de certo modo estabilizada pela continuidade da criação intensiva. Deles, apresentamos os exemplos do quadro seguinte, aproveitando dados daquele inquérito.

CONCELHOS	MACHOS			FÊMEAS		
	Até 1 ano	1 a 2 anos	+ de 2 anos	Até 1 ano	1 a 2 anos	+ de 2 anos
Cabeceiras de Basto	516	13	358	541	28	3 916
Fafe	874	8	420	1 050	29	5 658
Vieira do Minho	281	16	1 077	417	11	3 372
Terras do Bouro	159	9	272	334	3	2 475
Amares	251	12	279	269	23	1 580
Vila Verde	585	20	886	1 059	134	4 965
Ponte da Barca	318	106	183	531	490	3 152
Arcos de Valdevez	974	159	184	1 811	1 190	9 737
Paredes de Coura	271	4	4	943	395	3 402
Monção	513	7	1 349	622	471	3 956
Melgaço	323	19	186	631	434	3 884

Pela observação destes dados, ressalta a absoluta dominância das vacas de criação e a rara recria de novilhos. Os adolescentes até 1 ano são representados, sobretudo, por vitelos até 6 meses, destinados em breve aos matadouros.

O mesmo vai acontecendo, também com as fêmeas adolescentes em concelhos da mais intensa criação barrosã do distrito de Braga. Nestes concelhos, torna-se notada a insuficiência numérica de novilhas de 1 a 2 anos para substituir as vacas refugadas. Tal fenómeno é consequência de uma anormal procura de carne de vitela pelos talhos locais e dos maiores centros de consumo da região. O que na altura do arrolamento já se verificava nitidamente e, presentemente, se encontra agravado.

Tal não significa que se ponha totalmente de parte a recria de novilhas nesses concelhos, mas, sim, que, tentados pela oferta de elevados preços, os criadores vendem as vitelas para abate, certos que, quando necessitarem de renovar o efectivo reprodutor, poderão socorrer-se de mercados de novilhas.

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

Na impossibilidade de se obterem elementos numéricos ajustados aos grupos inquiridos socorremo-nos dos constantes no Arrolamento Geral do Gado de 1972, quanto ao número de cabeças por exploração.

Para o efeito, escolhemos concelhos bastante significativos quanto à exploração bo

vina nos distritos de Vila Real, Braga e Viana do Castelo, cujos dados, válidos também para a raça Barrosã, figuram no seguinte quadro:

CONCELHOS	Nº. de manifestantes	CABEÇAS				
		1 e 2	3 e 4	5 a 9	10 a 19	20 ou mais
Montalegre	2 715	566	819	1 030	269	30
Vieira do Minho	1 642	740	459	381	60	2
Terras do Bouro	1 033	445	323	241	24	-
Ponte da Barca	1 836	1 035	602	192	7	-
Melgaço	2 314	1 330	751	227	6	-

Estes dados evidenciam que o número de cabeças é muito mais elevado por exploração no concelho de Montalegre do que nos de Braga e, nestes, maior do que nos de Viana do Castelo o que está de acordo com a extensão da propriedade. De facto, esta, em Montalegre, é de superfície bastante superior à minifundiária de Braga e esta, por seu turno, maior que a pulverizada do Alto Minho.

É de notar o elevado número de explorações com mais de 5 cabeças existentes nos concelhos do Barroso, em contraste com as de 1 a 2 cabeças nos do Alto Minho.

Quanto à localização de zonas de encabeçamento médio e seus desvios, não é possível apontá-las. Nem no quadro anterior se pode deduzir o grau de encabeçamento, pois depende da exploração mais ou menos intensiva da terra. Sucede, assim, que no Alto Minho o encabeçamento é superior ao observado no Barroso.

A este respeito, apenas podemos afirmar que, pelo geral, a capacidade de suporte da carga pecuária se encontra saturada e que o efectivo bovino depende, totalmente, da exploração agrícola.

Também devemos considerar duas zonas distintas no aspecto alimentar. No Barroso, a exploração da terra dirige-se à produção forrageira, baseada em feno (lameiros) e em centeio, à crescida de pastagem natural, eventualmente de montanha. No Minho, a base forrageira reside na produção invernal e primaveril de forragem verde em prados de lima e na cultura estival do milho, geralmente de regadio. No fim deste número, é anotada a alimentação seguida em cada uma dessas zonas, que só em caso de grande necessidade é complementada com farinha de centeio ou de milho, excepcionalmente com ração industrial.

Quanto à importância do efectivo Barrosão em função da sua participação no produto agrícola bruto, apontamos a sua relevância.

A densidade bovina da região pode considerar-se elevada, certamente das maiores do País em relação à superfície agrícola útil. Tal não significa, porém, que se usufrua correspondente benefício do rendimento bruto bovino. De resto, numa das suas funções mais rendáveis - o trabalho -, o bovino vai sendo dispensado e substituido pelo motorizado, designadamente nas explorações maiores e mais evoluídas.

Não possuímos elementos que nos permitam dar resposta cabal a este quesito na zona montanhosa. No entanto, algo se poderá extrair, por comparação, do estudo efectuado por técnicos do Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Gulbenkian, intitulado "Limiar da Rendabilidade da Exploração Agrícola do Noroeste".

Neste estudo, a relação do rendimento bruto animal - do qual 85% são, em média do gado bovino - para o rendimento bruto total foi (em 1966) de 25,6%, 25,5% e 29% para explorações minhotas de, respectivamente, 3,5 ha, 5 ha e 7,5 ha de SAU, nas quais o trabalho de tracção era executado por juntas de bois ou de vacas. Todavia, é interessante apontar que, para

exploração um pouco maior - 10 ha SAU -, aquela relação baixava para 22,1% se nela se utiliza va trabalho exclusivamente de tractor próprio. Cita-se este caso como exemplo demonstrativo de exploração supermecanizada em relação à SAU. O decréscimo verificado seria anulado se se recorresse ao trabalho motorizado por aluguer para o pesado serviço de lavra, reservando-se o trabalho ligeiro para a tracção bovina.

Nas áreas acidentadas do Minho, dedicadas essencialmente à criação bovina, bem como mas do Barroso, onde ainda se explora a vaca barrosã e em que esta especulação predomina so bre o restante sector agro-pecuário, o rendimento bruto animal é certamente superior aos indi cados.

REGIMES ALIMENTARES NO CURSO DO ANO

B A R R O S O

FORRAGENS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Feno na corte	+	+	±								+	+
Lameiros de pastoreio	±	±	+	+	+	+			+	+	±	
Ferrã de centeio				+								
Monte e beiras dos caminhos						+	+	+				
Outonadas dos lam. de feno							+	+	+	+		
Pastagem de montanha - eventual					←				→			

M I N H O

FORRAGENS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Palha de milho	+	+	±						+	+	+	+
Palha de azevém	+	+	±			+		+				+
Palha de centeio empalhada	+	+										
Erva		±	+	+	+					+	+	+
Ferrãs			±	+								+
Pastagem		±	+	+	+				+	+	+	
Beiras dos caminhos e bouças					+	+	+					
Milho de desbaste						+	+					
Bandeira de milho							+	+	+			

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

6.1. Índice de fecundidade

Pelo que se nos tem dado observar, o grau de fecundidade varia consoante se trata da criação em zonas serranas ou nas de cotas mais baixas.

No Barroso e nas serranias onde se pratica a apascentação estival em baldios a fecundidade, em regra, diminui, em consequência de sequelas brucélicas. Nestas regiões, onde o gado não usufrui dessa pastagem, os insucessos do foro genital são mais raros, o que nos permite preencher do seguinte modo o presente quadro:

CONCELHO OU ZONA	Acima de 80%	Entre 80% e 60%	Abaixo de 60%
BARROSO e serranias próximas		60 a 70 %	
MINHO		70 a 80%	

6.2. Desmame

CONCELHO OU ZONA	Desmame		Época do ano	Obs
	Idade (meses)	Peso (kg)		
BARROSO	5 - 6	180	todo o ano	
MINHO	5	140	todo o ano	

6.3. Crescimento após a desmama

A este respeito, podem apresentar-se elementos muito concretos extraídos do trabalho de testagem da capacidade de produção de bovinos nacionais, realizado na Estação Zootécnica Nacional em 1973, cujas conclusões, no referente à raça Barrosã e nas condições de maneio protocolares para aqueles ensaios, apresentam as seguintes médias:

Nºde adolescentes masculinos testados	28
Proveniência	Minho
Duração do teste	266 dias
Idade de admissão	180,3 "
Idade final (14 m e 21 d)	446 "
Peso médio inicial	153,2kg
Peso médio final	386 "
Crescimento - aumento médio	232,8 "
Reposição média diária	0,875,3 "
Peso médio da carcaça	216,7 "
Rendimento corrigido	61,5%
Alimento consumido por kg/vivo reposto	6,8 U.F.
Peso aos 12 meses	331,2 kg

Desta testagem de novilhos dirigida à produção de carne, concluíram os autores que há grande diversidade na reposta individual, em consequência da heterogeneidade da base genotípica do grupo, por inselecção da raça.

De facto, na raça Barrosã há largas disparidades nas respostas obtidas, que marcam bem a sua variabilidade genética. Tal conclusão permite, todavia, admitir franca possibilidade de melhoramento da raça por bem dirigida selecção através dos valores superiores.

6.4. Partos

Concelhos ou Zonas	Época do ano mais frequente	Intervalo entre partos	Tipos de alimentação
BARROSO	todo o ano	15 - 16 meses	já descritos
MINHO	todo o ano	13 - 14 meses	já descritos

6.5. Índice de mortalidade até ao desmame

Faltam elementos válidos em que possamos apoiar a nossa informação.

Afigura-se, porém, que a mortalidade dos adolescentes - o que mais conta no cômputo da mortalidade geral - não evidencia grau de incidência anormal em relação a outras raças bovinas.

6.6. Reprodução

6.6.1. Métodos de reprodução (percentagem de utilização)

DISTRITO OU ZONA	COBRIÇÃO NATURAL				Inseminação artificial	
	Postos		Privado			
	Em pureza	Por cruzamento	Em pureza	Por cruzamento	Em pureza	Por cruzamento
BARROSO	80%	20%	60%	40%		
MINHO	100%				90%	10%

Deve notar-se o facto de a reprodução por cruzamento com outras raças (Mirandesa Maronesa e, com pouca expansão, Charolesa e Turina) se limitar à Terra de Barroso.

6.6.2. Índice de reprodução

CONCELHO OU ZONA	Índice de fecundidade	Número de partos/ano	Idade (anos)	
			Ao 1º parto	Reforma
BARROSO	60 a 70%	0,7	2,5 - 3	10 - 12
MINHO	70 a 80%	0,8	2,5	10 - 12

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÉMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS E ENTIDADES PRIVADAS

Desde longos anos que várias entidades oficiais, oficiosas e associativas têm intervindo no melhoramento da etnia bovina Barrosã.

A primitiva acção selectiva da raça em Terra de Barroso deve-se à organização comunitária dos montanheses, que, em séculos, a moldaram até ao padrão com que chegou aos nossos dias. Para tal, teve, sem dúvida, grande influência o rigoroso cuidado de que se revestia a escolha dos touros padreadores pertencentes à comunidade, que os alojava, alimentava e reservava lameiro próprio ("lameiro do touro").

Entre os preceitos da selecção, distinguiam-se o da capacidade de aleitamento das fêmeas e os da conformação e robustez dos machos, esta posta à prova pela prática das "chegas", presentemente quase em desuso.

Por sua vez, o Estado tem evidenciado interesse no melhoramento da raça. Assim, em 1914, foi aprovada a instalação do Posto Zootécnico do Gerês, em edificações da respectiva Mata Nacional, dirigido pelo Delegado de Pecuária do Distrito de Braga.

Em 1916, por Decreto de 13 de Dezembro, este Posto foi deslocado para Montalegre. Entre outras justificações da transferências, cita-se, no relatório respectivo, a insuficiência das pastagens da Mata para alimentação do avultado número de reses que o Posto havia de manter e do reconhecimento de que os postos destinados ao melhoramento das raças pecuárias nacionais devem estabelecer-se nos respectivos solares e que o território originário da casta Barrosã é, indubitavelmente, o planalto montalegrino, onde abundam forragens de superior qualidade.

O Posto, entre certas funções de carácter zootécnico e tecnológico, tinha por objectivo:

"Produzir, pela selecção nacional, e criar reses bovinas da raça barrosã, aperfeiçoadas para as funções de ceva e de trabalho, bem como desenvolver a aptidão lactígena da mesma raça pelo mencionado método selectivo e pela ginástica funcional".

O citado decreto estabelecia ainda:

" O gado vacum necessário aos trabalhos de selecção será tirado de entre as reses do planalto que, além de possuírem os caracteres especiais da raça barrosã e as formas exteriores próprias do bovino a três fins, tenham, se forem adultos, dado provas, quer directas, quer por via da sua ascendência ou descendência, das três aptidões em grau mais ou menos desenvolvido".

Passados 20 anos, o Posto foi extinto abruptamente e as suas instalações ocupadas pelos serviços fitopatológicos de apoio à cultura da batata de semente que, entretanto, vinha tomando forte expansão local e ocupando grande parte dos belíssimos lameiros naturais do planalto.

Finda a acção directa do Estado no Barroso - região que reune naturais condições para o melhoramento da raça -, foi o seu fomento amparado durante alguns anos pelo Posto Zootécnico de Viana do Castelo, criado pelo Decreto nº 16 678, de 1 de Abril de 1929, para, como se diz no seu preâmbulo acudir ao "lamentável estado de definhamento da pecuária da região de Entre Minho e Cávado" e "pôr termo urgente ao abastardamento das raças bovinas autóctones que a povoam".

Neste Posto já extinto, desenvolveu-se acção melhoradora da raça Barrosã, principalmente no Alto Minho, pela distribuição de reprodutores masculinos.

Mais recentemente, com a abertura da Estação de Fomento Pecuário de Entre Douro e Minho, passou este estabelecimento a dar apoio à raça através da recria de vitelos adquiridos nas melhores zonas de criação tanto do Barroso como do Minho (Fafe e Cabeceiras de Basto). Os novilhos recriados eram destinados não só a postos de cobrição, como ultimamente, à produção de sémen na Estação de Estudos de Reprodução Animal.

Desde que a Estação de Barcelos reduziu a sua actividade sobre esta raça, em face da preponderância que tomou na região a exploração de leite dos bovinos Holstein Friesian, a acção estatal ficou quase somente reduzida à I.A..

Não deixaremos de citar o melhoramento obtido através da difusão de bons padreadores, nos postos de cobrição, bem como a disciplina no funcionamento dos mesmos.

Mercê da profusão de postos oficiais de cobrição no concelho de Terras do Bouro, ressalta o desaparecimento, praticamente total, do tipo inferior de bovinos denominados "Vilarinhos" que existiam entre a serra Amarela e a do Gerês, embora para tal também deva ter contribuído a submersão, por barragem, do vale onde se localizava a povoação de Vilarinho das Furnas, no qual mais se adensavam aqueles bovinos.

7.1. Sua funcionalidade

Como se verifica, foi insistente a tentativa de intervenção do Estado em benefício da raça, sem que se lograsse, designadamente na região do solar, tornar sensível o efeito melhorador.

Não só o Posto do Gerês não entrou em actividade, como o de Montalegre, após 20 anos de precária funcionalidade, não resistiu à sua preterição a favor dos interesses do "ouro branco" montalegrino.

Mais fecunda foi, sem dúvida, a actuação do Posto Zootécnico de Viana do Castelo e da Estação de Fomento Pecuário de Barcelos, aos quais se ficou devendo durante alguns anos a difusão de bons reprodutores por postos de cobrição, animais estes recriados nos estabelecimentos e submetidos a rigorosa selecção.

O Posto de Viana do Castelo, nos últimos anos exclusivamente dedicado ao fomento dos bovinos Galegos, em cuja zona de criação se situava, acabou por ser extinto também.

7.2. Perspectivas futuras

Pelo referido, devemos considerar como muito desanimadoras as perspectivas quanto ao futuro da raça Barrosã.

Factores variadíssimos, e já apontados, vêm concorrendo desde o início do século para a redução da sua área de expansão e a sua degradação, inclusive no solar.

As condições excepcionais que espontaneamente motivaram, no século passado, o alargamento da sua zona territorial e contribuíram para o seu aumento de estatura não voltarão a repetir-se. Nem os actuais aspectos técnico-económicos aconselham a exportação de bovinos de talho, nem restam requintes gastronómicos que levem a cotar diferentemente carnes de raças especiais.

A Barrosã, como raça de montanha que é, de montanha agreste e frígida, de reduzida estatura e de pouca precocidade, só por especiais e ocasionais condições conseguiu descer o anfiteatro orográfico, atingir o litoral e estender-se do Minho ao Douro. Terminados esses favoráveis factores, virá a limitar-se à montanha, onde se manterá acima de cerca de 600m de altitude, no Minho. No que respeita ao Barroso, a tendência de eliminação continuará em consequência de cruzamentos variados, se a intervenção do Estado não disciplinar e controlar a prática da reprodução e, através dela, não estabelecer rigorosa selecção melhoradora.

No momento presente, a raça está ameaçada de degradação, principalmente, pela falta de centros de produção de vitelos que permitam o recrutamento de reprodutores masculinos feno e genotipicamente aceitáveis. Esta situação é tanto mais preocupante, quanto menor vai sendo o vínculo de tradicionalismo que a conservou em estado de pureza. E, desde que já nem o cumunitarismo ampara o bovino Barrosão, resta ao Estado, às autoridades regionais e locais intervir em sua defesa.

Em 12.2., focaremos os caminhos que julgamos mais viáveis para a intervenção oficial na reabilitação de tão prestimosa raça para os povos serranos do Noroeste.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

Em tempos recuados, e, designadamente, no seu solar, a raça tinha por finalidades essenciais tanto a produção de trabalho como a de carne. O aproveitamento adicional do leite sobrante da amamentação ou após a ablactação seria bastante corrente, como o prova o tradicional fabrico de "bicas" de manteiga, vendidas nos centros populacionais da região.

No início do século, quando se montaram as primeiras desnatadeiras no Alto Minho, a vaca barrosã passou, principalmente no concelho de Paredes de Coura, a ser explorada na função galactopoética, embora com grande inconveniente para o desenvolvimento das crias, muitas delas privadas, a partir do mês e meio ou dois meses, da base natural do seu alimento. Posteriormente, verificou-se o desaparecimento dessa exploração, como vai também sucedendo no Barroso.

Na segunda metade do século XIX, o interesse da função creatopoética para exportação ultrapassou, sem dúvida, o da produção de trabalho, embora este continuasse a ser também da maior importância, tanto mais se considerarmos que se destinam à ceva os bois adultos já com alguns anos de trabalho agrícola ou de pesada carretagem.

Abolida a exportação, a produção de carne foi cedendo a sua preponderância económica à dinamopoese até meados do nosso século. A partir de então, por introdução contínua da mecanização agrícola, também o trabalho bovino foi declinando, a ponto de, em breve, pouco devermos ter em consideração esta função.

Devemos anotar que a carne produzida pela descendência barrosã se tem também reduzido consideravelmente em relação a um mesmo número de vacas paridas, porquanto o pouco interesse pela recria de novilhos de tão baixa precocidade tem incrementado o abate precoce dos adolescentes.

9. ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESTA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS

Como já esclarecemos, do solar da raça não deve restar mais do que um quarto ocupado por ela, e, este mesmo, com acentuadas infiltrações de etnias várias.

Já também dissemos que principalmente nas áreas minhotas, onde se pratica a criação e se constituirá reduto da raça, a capacidade de encabeçamento está saturada, tanto que não resta praticamente capacidade para a recria da descendência.

Nestes termos, julgamos não interessar conhecer, por inexpressiva, a SAU disponível. Apenas haveria que estudar e propor a reconversão da exploração forrageira, inclusive da silvo-pastorícia.

10. LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS, CARACTERIZE O MODELO DE EXPLORAÇÃO VIÁVEL DA POPULAÇÃO EM CAUSA

Encontrando-se o gado bovino Barrosão em retracção, que o limitará às altitudes do Noroeste, o seu prevalecimento local é muito duvidoso, e tanto mais duvidoso quanto mais avançado for o progresso socio-económico da região, o qual, por fim, reconduzirá à florestação primitiva das íngremes explorações onde a raça se reproduz.

11. CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO NA REGIÃO E FORA DELA

Poderá garantir-se que os bovinos barrosãos destinados ao abate são, na sua totalidade, consumidos na região de Entre Douro e Minho. Mesmo a pequena produção do Barroso, tanto dos adolescentes como do refugo, é na maior parte, também, abatido no Entre Douro e Minho, onde, em regra, é mais bem paga.

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

12.1. Animais

Os principais defeitos do Barrosão consistem em:

a) Reduzida precocidade, associada a um mau índice de conversão alimentar;
b) Pequena estatura;
c) Excessiva cornamenta

Para melhorar este bovino de montanha limitado a duas funções - carne e trabalho - apenas se oferece indicar a selecção e a correcção alimentar. Com estes dois factores se irão corrigindo aqueles defeitos, aperfeiçoando a conformação geral da raça e acelerando o seu desenvolvimento.

12.2. Estruturas de apoio à sua utilização

Presentemente, o melhoramento do Barrosão não dispõe de qualquer apoio válido. Para satisfazer as necessidades de renovação dos efectivos da apertada rede de postos de cobrição, sente-se a dificuldade de recrutamento de reprodutores de origem recomendável. A I.A. pouco ainda tem podido actuar no melhoramento da raça, não se prevendo mesmo quando possam ser eliminados os actuais factores limitativos.

A raça Barrosã virá, pelo avanço da mecanização e a concorrência de raças precoces, a resumir-se à criação nos contrafortes serranos.

Convencidos que não será possível modificar, mesmo a médio prazo, a estrutura agro-pecuária daquela zona de criação, consideramos que só reatando o fio partido do apoio que o Estado vinha dando, embora debilmente, podemos encarar o melhoramento da rês Barrosã.

A nosso ver, mantém-se ainda com validade a opinião emitida há 17 anos, por um de nós, quanto à indispensabilidade da instalação de um posto zootécnico na freguesia de Salto, ainda hoje a melhor zona de criação da raça.

Além desta freguesia, que se poderá considerar pedra angular do melhoramento, deverão ser incluídas nesse trabalho também as circunvizinhas, com os seguintes efectivos barrosãos, constituídos, principalmente, por fêmeas:

MONTALEGRE	-	Salto	1370
		Cabril	430
		Covelo	160
		Ferral	325
		Paradela	140
		Pondras	160
		Reigoso	230
		Venda Nova	35
BOTICAS	-	Alturas	240
		Cerdedo	160
		Dornelas	260
VIEIRA DO MINHO	-	Campos	250
		Ruivães	490

No já citado trabalho, enumeram-se os seguintes pontos básicos para o melhoramento da raça:

- Instituição do respectivo Livro Genealógico;
- Criação de um Posto Zootécnico no Barroso, de preferência na ou junto à freguesia de Salto, do concelho de Montalegre;
- Realização,nesse Posto,do trabalho de secretaria do Livro Genealógico,devendo nele ser inscritas, a título inicial, as melhores fêmeas dos criadores da freguesia sede do Posto e das mais próximas, e efectuar-se o registo das cobrições e de nascimentos;
- Aquisição, para a recria no Posto ou nas propriedades de criadores idóneos, dos vitelos que se revelem mais precoces e com melhor conformação à desmama e sejam filhos de reprodutores inscritos no Livro Genealógico;
- Exigência, por parte dos Intendentes de Pecuária, a partir de certo período de funcionamento do Posto, de novilhos inscritos no Livro Genealógico, para efeito de licenciamento dos postos de cobrição;
- Vulgarização das melhores normas higiotécnicas, adequadas à região, para a recria dos bovinos;
- Estabelecimento de tabelas oficiais de compra de gado com cotação superior para os bois barrosãos em relação a outras raças e preferência da sua carne para "talho extra";
- Prosseguimento da realização dos Concursos Pecuários, em cujas tabelas de classificação convém que sejam considerados também elementos biométricos;
- Aplicação do método da inseminação artificial, com o fim de combater as doenças contagiosas do foro genital e acelarar o melhoramento zootécnico;
- Ensaio, no Posto, do cruzamento com outras raças nacionais ou estrangeiras;
- Regulamentação do apascentamento alpestre do Barroso e melhoramento dessas pastagens. Decorridos 17 anos, não encontramos motivo para proceder a profundas alterações destes pontos.

Continuaremos a considerar, como ponto fundamental da acção melhoradora, a instituição do Livro Genealógico da raça. Porém, conhecida, como é, a indeferença dos produtores na adesão ao L.G., estamos convencidos que só mediante pecuniários se poderá vencer essa relutância.

Quanto ao Posto Zootécnico, orgão fulcral de execução, muito embora se verifique profundo recuo da raça no Barroso, mantém-se ainda hoje a indicação da sua instalação em Salto.

Este Posto deveria constituir-se também como subcentro de I.A.

Não só se aceleraria a acção do melhoramento como se estabeleceriam mais repe

tidos contactos com as casas de lavoura, o que é de primordial importância na difusão de conhecimento e na colheita de informações. Entre estas, podem citar-se as relativas à correcção alimentar.

12.3. Disponibilidades forrageiras diversificadas

Em 5., tivemos oportunidade de dizer que a carga bovina satura a capacidade da produção forrageira tradicional. Esta não oferece possibilidade de ampliação, a não ser a que se obtém pela adubação mais racional da terra.

Nas zonas baldias de altitude, torna-se, por sua vez, evidente a conveniência do melhoramento das pastagens estivais e o seu aproveitamento rotativo.

12.4. Tipo de organização para utilização da raça

Teremos que assentar, antes de tudo, na ideia-base de que, perante a concorrência de raças mais precoces, a duas ou a três funções, a raça Barrosã, reduzida, praticamente, à produção de carne de adolescente e de algum trabalho, se confinará às explorações minifundiárias serranas do Minho e a outras de dimensões um pouco maiores do Sudoeste do Barroso. Nem o grau de cultura dos proprietários, nem as características sócio-económicas permitirão, sequer a médio prazo, modificações estruturais das propriedades, nem a associação destes povos montanheses poderá ir muito além da manutenção dos "touros do povo" e da tradicional organização de vezeiras.

Tem-se mesmo verificado que, à medida que se vai obtendo um pouco mais de desafogo económico, os hábitos comunitários da região vão desaparecendo e concorrendo para menor perservação da raça.

Deste modo, não se afigura possível organizar qualquer tipo de exploração muito afastado do actual.

Trata-se, como já referimos, de explorações muitíssimo pequena, de parcelas numerosas e dispersas, onde o ciclo económico da criação barrosã, por tradição, consequente da falta de precocidade, termina no desmame. Não se faz a recria.

Constituindo o produto da venda dos vitelos base do fundo de maneio destas pequenas explorações, procura-se saturá-las com o maior número de vacas, pelo que não restam disponibilidades alimentares para a recria a partir do desmame, operação esta que, aliás, por deficiência do índice de reposição da raça, expõe a risco económico.

Não esquecendo o interesse da venda dos adolescentes à desmama, duas finalidades essenciais devem ser visadas em benefício dos criadores da raça Barrosã.

a) Aumentar-lhes o rendimento das explorações, a fim de elevar o seu nível de vida;

b) Defender o património genético da raça.

Quanto à primeira finalidade, haverá que empreender larga difusão de conhecimentos atinentes a melhorar a produção forrageira e a respeitar boas regras de maneio, além de, em todas as oportunidades, se procurar reunir parcelas do agro que exploram.

Quanto à segunda, haverá que aumentar a rendibilidade da exploração, respeitando a herança genética, naturalmente adaptada ao adverso ambiente serrano.

Para conjugar estes dois desideratos, ter-se-ía de passar a aconselhar o que ainda é apenas tolerado - a generalização dos cruzamentos industriais.

Tal prática, em face do perigo que pode constituir para a conservação da raça, deve ser acompanhada de ampla vulgarização de regras que a condicionem e afastem aquele inconveniente.

A I.A. tem neste campo importante papel a desempenhar. De resto, embora em li-

mitada percentagem, o método tem sido aplicado neste sentido, utilizando,sobretudo, sémen charolês. Tanto com este sémen como com o Holstein Friesian (tipo europeu), a produção de F1 tem resultado absolutamente normal, tanto no ponto de vista obstétrico,como no de aleitamento.

Em consequência da rendibilidade da recria dos produtos F1, esta poderia ser levada até ao acabamento, com benfício para a economia do abastecimento carneo.

Ao terminar as considerações relativas a este quesito, acrescentamos que, na inviabilidade de se formar, entre os interessados, qualquer organização para a utilização e defesa da raça, insubstituível nas terras altas do Noroeste, caberá, sobretudo,ao futuro Livro Genealógico essa importante missão.

BOVINOS DO PARQUE NACIONAL DA PENEDA - GERÊS

Julgamos conveniente apresentar breve nota relativa aos bovinos da área deste Parque Nacional, tanto mais que se tem falado sobre a sua possibilidade de intervir na conservação da raça Barrosã.

Este Parque estende-se pelas serranias que nos separam de Espanha, desde Castro Laboreiro, a poente, até ao extremo mais nascente do Gerês, isto é, à denominada serra da Mourela, entre Tourém e Covelães, do concelho de Montalegre. Com excepção dos vales do Lima e do Cávado, a sua altitude ultrapassa os 800 m.

Doze freguesias serranas estão por ele abrangidas, possuindo, aproximadamente 6 000 bovinos, dos quais cerca de 50% são animais ananicados, sem expressão étnica definida, existentes nas serras da Peneda e do Soajo e conhecidos por "Cachenos".

A maior parte beneficia de pastagens de montanha, algumas das quais se prevê venham a ser melhoradas e submetidas a pastoreio condicionado.

As duas melhores áreas pascigosas - a de Castro Laboreiro e da Mourela - situam-se, todavia, em zonas que pouco podem interessar à defesa da raça Barrosã.

A primeira, muito afastada do solar da raça,é, também, a que apresenta animais em menor estado de pureza por longos contactos com outras etnias, e encontra-se infiltrada de norte, nascente e sul por bovinos oriundos do país vizinho, com o qual tem raia seca.

A segunda, com possibilidade de melhorar várias centenas de ha de pastagens de chãs e de vales baldios, já não recebe no estio os milhares de cabeças de outrora,mas sim, cerca de 800 bovinos de várias raças, como da Mirandesa, Barrosã, Maronesa,"Rúbia" e, sobretudo, produtos dos seus cruzamentos. De facto, tanto as freguesias incorporadas no perímetro do Parque, como as mais próximas foram abandonando a criação pura barrosã, enquanto que, através da fronteira seca de Tourém (freguesia que penetra na Galiza) continuam passando muitos bovinos dessa origem.

Verifica-se, pois, ser, presentemente, muito aleatória a tentativa de preservação dos bovinos Barrosãos a partir de qualquer núcleo do Parque.

Porto,7 de Julho de 1976

NOTA DE ACTUALIZAÇÃO

Embora o número de animais ainda seja elevado, não temos dúvidas em considerar a raça bovina Barrosã no grupo daquelas que estão em perigo de extinsão. E o mais grave é que o perigo não advém, em valor significativo, do progresso socio-económico das populações, como diagnosticaram os autores do trabalho aqui apresentado, mas de outras origens.

A área de criação está a ser reduzida e a raça ameaçada pelo desenvolvimento de quatro frentes.

Por um lado é o avanço da Frísia e da Galega "melhorada" por causa da produção do leite, não só para consumo local mas também como fonte de rendimento diário.

Pelo outro lado é o avanço da Mirandesa e da Maronesa que pelo seu porte e rusticidade aumenta a força motriz, tão necessária para o trabalho daquelas terras tão acidentadas.

É igualmente a introdução de raças estrangeiras (Gelbvieh e Parda Suiça) sem qualquer controle e contrariando qualquer esquema de defesa e protecção do património genético daquela população.

É ainda a falta de capacidade que o Estado tem revelado não aplicando as receitas apontadas por todos aqueles conhecedores da raça, e que a ela tem dedicado muito das suas vidas. Receitas, que numa maneira geral se mantêm correctas.

Embora se verifiquem algumas inseminações artificiais, cujos números não ultrapassam umas poucas centenas, continua a ser a cobrição natural o método de reprodução mais utilizado.

Infelizmente a falta de vigilância de postos de cobrição e incompleta legislação existente, permitiram que fossem utilizados como reprodutores masculinos animais sem qualquer característica zootécnica e muitas vezes com problemas sanitários.

Preocupada com este estado de coisas, a Direcção Ge-

ral dos Serviços Veterinários, de 1976 para cá tem tentado dinamizar os Livros Genealógicos e os Registos Zootécnicos já criados e tentado actualizar a legislação sobre postos de cobrição.

Sobre o primeiro, é de referir o Despacho Ministerial de 17 de Dezembro 1976 dos Ministérios da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo que institui um prémio no valor de 2 000$00 por cada vitelo ou vitela proveniente de todos os partos das fêmeas inscritas, a título definitivo ou inicial, nos livros genealógicos ou registo zootécnico de algumas raças bovinas autóctones, entre as quais a barrosã. Este despacho limita a área de intervenção para esta raça aos distritos de Vila Real, Braga, Porto e Viana do Castelo. O despacho conjunto dos Ministérios das Finanças e do Plano, do Trabalho e dos Transportes e Comunicações de 29 de Junho de 1979 veio abolir aquela área de intervenção, passando os prémios a poder ser atribuídos em todo o território continental.

Relativo aos postos de cobrição foi publicado o despacho normativo nº.333/78 que regula o licenciamento dos postos particulares de cobrição.

Contudo, problemas de diversa ordem, impediram que os trabalhos de registo se iniciassem, prejudicando as acções de melhoramento fomentadas por aquela legislação e dessa forma lezando os próprios criadores.

Foi também neste período, mais precisamente em 1977, que se publicou um dos mais importantes documentos legislativos para o melhoramento animal que foi a portaria nº.385/77 de 25 de Junho, que contem o Regulamento relativo às normas sobre reprodução animal, livros genealógicos e contrastes funcionais.

A partir de meados de 1980 as condições evoluiram e num esforço conjunto da Direcção-Geral dos Serviços Veterinários e a Direcção Regional de Entre Douro e Minho foi possível nomear uma comissão de técnicos que já iniciou os trabalhos de registo da população bovina desta raça.

A par do registo destes animais vão ser adquiridos novilhos característicos da raça, que depois de recriados nos estabelecimentos oficiais serão distribuidos pelos postos de cobrição que respeitem a legislação vigente.